

*Estudos Linguísticos & Aplicados***ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM TEMPOS DE PANDEMIA: ENCAMINHAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS***Célia Maria Medeiros Barbosa da Silva***Maria de Fátima Silva Santos***

RESUMO: O ensino de português, esperamos, deve ser direcionado para desenvolver competências discursivo-textuais e linguísticas. O desenvolvimento dessas competências é de fundamental importância, uma vez que estamos convivendo com a pandemia de coronavírus há mais de dois anos. Em face disso, percebemos a necessidade de uma postura pedagógica em que haja relação entre o trabalho com os gêneros textuais e a gramática, adaptando-a a uma nova realidade de atividades remotas e a uma atualização para conhecer e aprender a lidar com novos gêneros textuais que se apresentam na era digital. Diante de tais questionamentos e afirmações, este artigo tem por objetivo apresentar encaminhamentos teórico-metodológicos para o ensino de língua portuguesa em tempos de pandemia. Para isso, situamos o ensino de língua portuguesa nesses tempos, considerando, assim, que os alunos sejam motivados a desenvolver uma competência comunicativa adequada à sua realidade. Ao nos basear em documentos oficiais e em estudos que tratam sobre o tema, propomos encaminhamentos teórico-metodológicos em que se estabeleça uma prática-pedagógica, no formato remoto, centrada nos gêneros textuais para toda educação básica. Ressaltamos que, apenas para o ensino médio, propomos atividades com outros gêneros, o literário, por exemplo, tendo em vista que nesse nível há o ensino de literatura. Por meio desses encaminhamentos, verificamos que a leitura e a escrita desses gêneros virtuais atendem a uma necessidade social, que permitirá aos alunos analisar e refletir sobre a linguagem a ser empregada, considerando o grau de formalidade dos interlocutores e o propósito comunicativo em meio a um cenário de pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Encaminhamentos teórico-metodológicos; Ensino de língua portuguesa; Gêneros digitais e gramática; Pandemia.

Introdução

O ensino da língua portuguesa, esperamos, deve ser planejado e voltado às práticas diárias dos alunos, de forma que haja um direcionamento às suas necessidades de aprendizagem. Por meio desse direcionamento, procuram-se desenvolver competências discursivo-textuais e linguísticas, considerando, para isso, os gêneros textuais como ponto de partida e de chegada para o estudo das questões de língua.

* Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora Emérita da Universidade Potiguar (UnP). Docente Colaboradora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEL/UFRN). Realizou estágio de pós-doutorado em Estudos da Linguagem na UFRN.

** Doutora em Estudos da Linguagem Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora Adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), unidade acadêmica de Serra Talhada (UAST).

Na atual realidade, o desenvolvimento dessas competências é de fundamental importância, uma vez que, como já é de conhecimento, estamos convivendo com a pandemia de coronavírus há mais de dois anos. E o cenário continua sendo bastante desafiador, refletindo, assim, em muita preocupação por parte de diversos setores da sociedade, não só do nosso país como do mundo. Apesar de aos poucos a circulação do vírus estar diminuindo graças ao avanço da vacinação, ainda somos orientados a evitar aglomerações e a sair de casa o mínimo possível, a fim de que não sejamos contagiados pela COVID-19.

As mudanças vêm acontecendo constantemente em diversas áreas. Os avanços tecnológicos surgem a todo instante e trazem consigo caminhos para a inovação. Daí por que é notória a urgência de adequação ao meio *on-line*. Isso ficou ainda mais evidente neste tempo em que a educação a distância se faz necessária por conta da pandemia que assolou todos os setores ao redor do mundo.

No caso do setor educacional, a pandemia da COVID-19 teve um impacto maior com a mudança do funcionamento de aulas presenciais para as atividades remotas nas escolas de educação básica, tanto nas públicas como particulares. Sobre isso, pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep (BRASIL, 2021) – mostrou que, em 2020, 99,3% das escolas brasileiras suspenderam as aulas no formato presencial. Segundo a pesquisa, parte delas também ajustou a data da conclusão do ano letivo, com o propósito de que fossem encontrados meios pelos quais pudessem adequar as questões pedagógicas decorrentes dessa suspensão. Ainda segundo a pesquisa, essa adequação foi maior nas escolas da rede pública.

Diante desse panorama, percebemos que as redes estaduais, municipais, secretarias de educação, gestores de escolas públicas e particulares e seus respectivos professores vêm buscando viabilizar o ensino *on-line* para alunos da educação básica, por meio do uso de plataformas digitais, de redes sociais, da produção de materiais e de aulas em tempo real, objetivando minimizar as possíveis limitações na aprendizagem desses alunos.

Não podemos nos esquecer de que a família também exerce papel fundamental nessa viabilização, uma vez que, sem o seu acompanhamento e motivação para que o discente desenvolva suas atividades em casa, todo o processo de ensino-aprendizagem não terá o resultado esperado. Há ainda, nesse caso, a necessidade de estratégias de ensino adequadas para a educação básica, principalmente aquelas no formato remoto, em que entram em cena, como vimos, o uso de plataformas digitais e de redes sociais, além de aulas em tempo real.

Registra-se que, no âmbito do ensino, a abertura ao novo acontece e gera uma necessidade de aprimoramento dos conhecimentos existentes e ainda uma adaptação aos meios

tecnológicos digitais. Nesse contexto, busca-se uma revisão de alguns dos gêneros textuais adaptando-os a uma nova realidade de atividades remotas e a uma atualização para conhecer e aprender a lidar com novos gêneros textuais que se apresentam na era digital.

Em se tratando do ensino de língua portuguesa em tempos de pandemia, objeto deste nosso artigo, faz-se importante pensar em uma interação virtual diferente da presencial, em que o professor deixa de ser o centro das atenções – acreditamos ser essa postura também no presencial – e passa a ser o mediador do processo de ensino-aprendizagem, administrando, assim, as várias interações, a partir de diferentes gêneros textuais, que possam levar o aluno a se sentir “[...] mais à vontade num ambiente virtual que ele de modo geral desconhece, além de fazê-lo se apropriar de gêneros textuais com os quais não está acostumado a lidar” (BARROS; CRESCITELLI, 2008, p. 77).

Verifica-se, portanto, que o ensino de língua portuguesa no formato remoto, considerando o panorama atual, dá oportunidade aos alunos de trabalhar com gêneros voltados à realidade virtual como, por exemplo, *podcast*, fóruns de discussão, *chats*, *e-mail*, dentre outros. Assim, como já vistos em estudos sobre o tema, o ensino de língua portuguesa centra-se no texto como ponto de partida e de chegada (Cf. GERALDI, 2005), a fim de possibilitar a compreensão da realidade comunicativa e da estrutura organizacional da língua, bem como proporcionar aos alunos envolverem-se ativa e criticamente com as atividades de linguagem da sua comunidade (MARCUSCHI, 2003).

Quanto às abordagens teórico-metodológicas, o ensino de língua portuguesa continua sendo foco de questionamentos acerca de suas abordagens. Nos dias de hoje, sobretudo com o surgimento há quase dois anos da COVID-19, tornam-se imprescindíveis indagar como essas abordagens devem ser encaminhadas em meio a uma retomada do ensino de línguas híbrido e, em algumas situações, remoto, no qual entram em cena, mais uma vez, as novas tecnologias de ensino.

Sobre as novas tecnologias de ensino, não podemos nos esquecer de que estas já vêm há muito tempo fazendo parte do dia a dia das pessoas e, diante do quadro da pandemia, tornou-se um meio para acesso ao ensino na educação básica, tanto em escolas da rede pública como nas da rede particular.

Contudo, mesmo reconhecendo o papel fundamental das novas tecnologias no atual contexto sanitário que assola o nosso país devido à COVID-19, nenhuma ferramenta tecnológica terá eficácia se continuarmos com um ensino de línguas, em particular de língua portuguesa, em que texto e gramática sejam entendidos como objetos de ensino distintos e, por

isso, tenham como implicação atividades escolares distintas e muito pouco relacionadas entre si.

Assim sendo, ao tratarmos, neste artigo, sobre os encaminhamentos teórico-metodológicos para o trabalho com gêneros textuais e gramática no ensino de língua portuguesa em tempos de pandemia, percebemos a necessidade de uma postura pedagógica em que se estabeleça relação entre o trabalho com os gêneros textuais e a gramática, isto é, que a língua não seja dividida em aspectos gramaticais e textuais.

Dessa forma, entendemos que, em tempos de pandemia, o desenvolvimento de aulas por meio dessa relação (gênero textual e gramática), em que se faça uso de uma abordagem produtiva de ensino, permite ao professor mostrar aos alunos compreender a adequação no emprego da linguagem a partir do contexto de interação, o que pode motivar discussões por meio de diferentes gêneros digitais, dentre eles: *podcast*, *fórum* de discussão, *chats* e *e-mail*.

Considerando, portanto, tais questionamentos e afirmações, este artigo tem por objetivo apresentar encaminhamentos teórico-metodológicos para o ensino de língua portuguesa em tempos de pandemia. Especificamente, objetivamos discutir, entre outras questões, o ensino de língua portuguesa no formato híbrido ou remoto em tempos de pandemia da COVID-19, bem como propor encaminhamentos teórico-metodológicos adequados ao trabalho com gêneros textuais e gramática na educação básica.

Inicialmente, situamos o ensino de língua portuguesa em tempos de pandemia, considerando, assim, que os alunos sejam motivados a desenvolver uma competência comunicativa adequada à sua realidade. Para isso, abordamos o que dizem os documentos oficiais, dos Parâmetros Curriculares Nacionais, tanto os do Ensino Fundamental – PCNEF (BRASIL, 1998) como o do Ensino Médio – PCNEM (BRASIL, 1999), à Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), e os estudos que versam sobre o tema em Antunes (2003, 2007), Dolz e Schneuwly (2010), Geraldi (2003, 2005), Marcuschi (2003), Neves (2010), Posenti (2002), Santos, Riche e Teixeira (2012), Travaglia (2000), entre outros.

Em seguida, procuramos, após tratarmos sobre o ensino de língua portuguesa em tempos de pandemia, sugerir encaminhamentos teórico-metodológicos (Cf. ANTUNES, 2003, 2007; BARBOSA DA SILVA, 2011; BRANDÃO, 2004; GERALDI, 2003, entre outros). Propomos, então, esses encaminhamentos para toda educação básica e, depois, apenas para o ensino médio, devido ao fato de que nesse nível o aluno é apresentado ao ensino de literatura.

Por fim, ressaltamos que as sugestões teórico-metodológicas se baseiam numa prática no formato remoto, levando-se em conta a leitura e a escrita de gêneros digitais voltados para

a análise e a reflexão sobre o funcionamento da língua para o ensino de língua portuguesa em tempos de pandemia.

Ensino de língua portuguesa em tempos de pandemia

A procura por um ensino de língua portuguesa, em tempos de pandemia, que possa desenvolver nos alunos uma competência comunicativa adequada à sua realidade, torna-se ainda mais desafiador. Isso porque, com o avanço da COVID-19, o ensino deixou de ser, como já afirmado anteriormente, presencial e passou a ser remotamente e, em algumas situações, de forma híbrida, com parte dos alunos no virtual; e outra, presencialmente, reciprocamente.

Diante disso, o professor passou a ter, ainda mais, um importante papel perante essa nova realidade educacional, na medida em que a efetivação por uma prática pedagógica contextualizada passou a ser o caminho mais adequado para que a educação chegue a todos os alunos, principalmente os da educação básica.

Vale destacar que os documentos oficiais – PCNEF (BRASIL, 1998), PCNEM (BRASIL, 1999) e BNCC (BRASIL, 2018) – enfatizam que o principal objetivo do ensino de língua portuguesa deve ser o de ampliar a competência discursiva dos alunos. Isso significa dizer que, de acordo com esses documentos, na educação básica esse ensino deve desenvolver no aluno a capacidade de compreender e produzir diferentes gêneros textuais, considerando as variadas situações de interação sociocomunicativa.

Assim sendo, o ensino de língua portuguesa na educação básica pode ser sintetizado, de acordo com esses documentos, em atividades de ensino voltadas para a “análise e reflexão sobre a língua”. Por meio dessas atividades, espera-se que os alunos aprimorem a sua capacidade de compreensão e expressão, em contextos de comunicação oral ou escrita. Registre-se, pois, que o trabalho analítico e reflexivo acerca da língua tem como ponto fundamental e inicial o exame das estruturas mais regulares percebido no desempenho discursivo, isto é, toda análise gramatical deve considerar o texto como base para essa análise.

Lembramos que, apesar de ser importante para o aluno conhecer aspectos gramaticais, principalmente aqueles inerentes à norma culta, o professor precisa, antes disso, trabalhar tais aspectos considerando os diversos usos de funcionamento da língua (NEVES, 2010). Essa diversidade proporcionará ao aluno analisar construções de usos da língua que ele já domina para, a partir de então, refletir acerca de outros usos, dentre os quais aqueles que atendem à norma culta. Quanto a essas reflexões, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma que

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BRASIL, 2018, p. 81)

Ao nos referir à variedade de usos da língua, estamos, nesse caso, nos voltando para a questão da utilização do texto como unidade de ensino, em conformidade com os encaminhamentos teórico-metodológicos propostos pelos documentos oficiais – PCNEF (BRASIL, 1998), PCNEM (BRASIL, 1999), BNCC (BRASIL, 2018) – para o ensino de língua portuguesa na educação básica, e não para uma abordagem gramatical de usos isolados da língua. Sobre isso, Santos, Riche e Teixeira (2012) afirmam que

Textos artificiais ou em formato de frases soltas, que frequentemente víamos em cartilhas, como “Ivo viu a uva” ou “Vovó viu a vovó” (destaque das autoras), não colaboram para a percepção linguística dos alunos, nem para sua formação como leitores. Exemplos assim representam, na verdade, pseudotextos, já que estão descontextualizados, sem uma situação real na qual possam ser usados como elementos de interação. São meras atividade de “leitura”, provavelmente para treinar a escrita de sílabas ou palavras com determinado fonema, sem formar um todo significativo. (SANTOS, RICHE e TEIXEIRA, 2012, p. 16)

Assim, ao propor que “A unidade básica da linguagem verbal é o texto [...]”, os documentos oficiais sinalizam para um direcionamento em que se procure priorizar os gêneros textuais merecedores de um tratamento mais intenso, como, por exemplo, aqueles que se referem aos usos públicos da linguagem, a fim de que estes possam contribuir, ainda mais, para a inserção do aluno na sociedade. Ao se referir sobre essa inserção, Dolz e Schneuwly (2010, p. 147) afirmam que “[...] o papel da escola é levar os alunos a ultrapassar as formas de produção oral cotidianas para os confrontar com outras formas mais institucionais, mediadas, parcialmente reguladas por restrições exteriores”.

Em se tratando do ensino de língua portuguesa na educação básica, faz-se necessária a adoção de uma postura pedagógica em que se estabeleça relação entre o trabalho com os gêneros textuais e a gramática, isto é, que a língua não seja dividida em aspectos gramaticais e textuais. Isso implica dizer que questões de língua, de gramática, por exemplo, devam ser trabalhadas a partir da produção textual do aluno que, por sua vez, é motivada pela leitura cujo conteúdo deve proporcionar discussões para o ensino de língua portuguesa na escola, visto que “[...] o papel da escola não é de ensinar uma variedade no lugar da outra, mas a de criar condições para que os alunos aprendam também as variedades que não conhecem [...]”. (POSSENTI, 2002, p. 83).

Dessa forma, acreditamos que, em tempos de pandemia, tal postura de ensino amenizará possíveis prejuízos, uma vez que “[...] os professores buscam fazer com que seus estudantes aprendam conteúdos considerados, socialmente, necessários, enquanto aguardam o retorno das aulas presenciais” (HONORATO; MARCELINO, 2020, p. 209). Acreditamos também que, por meio da atual realidade de ensino, o aluno será instigado a ampliar ainda mais outros domínios de usos da língua dos quais ele ainda não os tem e que deverá tê-los para que possa ampliar a sua competência comunicativa.

Encaminhamentos teórico-metodológicos

O trabalho com a variedade de gêneros textuais e suas diversas formas de construção de sentidos, bem como a ideia de refletir sobre o uso da língua, acreditamos ser, para o professor, uma das maneiras mais eficazes de tornar o ensino-aprendizagem mais dinâmico, interativo, produtivo e prazeroso, uma vez que os alunos se sentirão mais motivados, principalmente no momento sanitário atual.

Ao estabelecermos alguns encaminhamentos teórico-metodológicos para o ensino de língua portuguesa em tempos de pandemia na educação básica, procuramos situá-los nos aspectos textuais e gramaticais e numa abordagem produtiva de ensino. Sobre essa abordagem, Travaglia (2000, p. 39) afirma que ela tem por objetivo “[...] ensinar novas habilidades linguísticas [...]”, uma vez que amplia o conhecimento dos alunos acerca dos recursos que o fazem entender melhor a sua língua. Nessa abordagem de ensino, a língua é vista como instrumento de interação comunicativa a qual se constitui em um dado contexto sócio-histórico e ideológico definidos.

A abordagem produtiva busca, por meio de sua metodologia, ensinar novas variedades linguísticas, pois o aluno é levado a ampliar o uso que já faz da língua de um modo mais eficiente e nas diversas situações de interação sociocomunicativa. Assim, ao propor um ensino mais eficaz, portanto produtivo, o professor proporcionará ao aluno nessa abordagem, sem desconsiderar os conhecimentos linguísticos que ele já domina, desenvolver outras variedades da língua, dentre elas o domínio da norma culta e da modalidade escrita da língua portuguesa.

Dessa forma, considerando o panorama atual em que se encontra a educação básica, acreditamos que um encaminhamento eficaz para um ensino de língua portuguesa no formato remoto não se realizará sem algumas implicações teórico-metodológicas, quais sejam:

a) o ensino da língua conduzido na perspectiva da descrição e da reflexão linguísticas, do estudo dos gêneros e da promoção do letramento, por intermédio do estudo dos mais variados textos;

b) “[...] o estudo do texto, da sua sequência e da sua organização sintático-semântica conduzirá forçosamente o professor a explorar categorias gramaticais, conforme cada texto em análise, sem perder de vista, no entanto, que não é a categoria em si que vale, mas a função que ela desempenha para os sentidos do texto.” (ANTUNES, 2003, p. 121);

c) a pertinência do ensino, ao serem exploradas questões de gramática, está nas condições de seus usos e nos efeitos discursivos possibilitados pelo recurso a uma ou a outra regra, o que, naturalmente nos leva a fazer da nomenclatura um recurso, uma mediação, um ponto de passagem e não um fim, ou um objeto de estudo e, muito menos, de avaliação. (cf. BRASIL, 1998, p. 53-69; ANTUNES, 2007, p. 81-82).

Na confluência dessas implicações, acentuam-se pontos comuns que propõem pensar o ensino de língua portuguesa na articulação de elementos teóricos e metodológicos que consideram a língua em uso e, por extensão, o texto em discurso. Pensa-se, pois, numa perspectiva de ensino que leve em conta, em associação com a gramática, os gêneros de discurso, os tipos de texto e as operações de textualização (Cf. BRANDÃO, 2004), o que caracteriza o tipo de ensino produtivo já abordado anteriormente.

Nesse caso, evita-se o trabalho apenas com regras, característica de uma abordagem de ensino prescritiva. De acordo com Travaglia (2000 p. 39), essa abordagem baseia-se nos conceitos de “certo” e “errado”, e atende somente a um dos objetivos do ensino de língua materna “[...] o de levar o aluno a dominar a norma culta ou língua padrão”, isto é, tornar conhecida a norma padrão do português que está diretamente ligada à gramática normativa.

Sendo os gêneros textuais adaptáveis ao contexto de interação e com o advento do ensino no formato remoto, surgiram os chamados gêneros digitais, os quais configuram novas práticas da linguagem, que, segundo Marcuschi (2010, p. 15), muitos deles apresentam semelhança em outras conjunturas, nas modalidades oral e escrita, e “[...] são evoluções de outros já existentes nos suportes impressos (papel), ou em vídeos (ex.: vídeos, fotografias). Porém essa tecnologia comunicativa verdadeiramente gerou novos gêneros, como por exemplo: os *chats* e os *fóruns*”.

Veja que, como vimos, a tecnologia trouxe para a realidade atual de ensino uma diversidade de gêneros os quais possibilitam ao professor trabalhar a adequação no uso da linguagem a partir do contexto de interação. Essa adequação pode ser discutida, por exemplo, em

gêneros digitais como o *podcast*, o fórum de discussão, os *chats*, o *e-mail*, a videoaula, dentre outros, que não eram comuns no formato presencial, mas o são nas aulas virtuais.

Por meio dessa discussão, os alunos serão levados a perceber que a leitura e a escrita desses gêneros atendem a uma necessidade social, que lhes permitirá analisar e refletir sobre a linguagem a ser empregada, considerando o grau de formalidade dos interlocutores e o propósito comunicativo.

Assim sendo, para o ensino no formato remoto, sugerimos como encaminhamentos teórico-metodológicos:

a) que o professor trabalhe, em sua prática, com a leitura e a escrita de gêneros digitais produzidos pelos alunos, como *chats* e *e-mails*, para, a partir deles, apresentar exemplos de usos de questões de língua, abordados na escrita desses gêneros, que se aproximem da norma padrão ou se afastem dela. A partir dessa prática, o professor não irá ocupar seu tempo com o cotejo de listas de regras gramaticais descontextualizadas, ou reduzir a aula a esse procedimento.

Em se tratando de (a), espera-se uma aula no formato remoto voltada para a reflexão sobre o funcionamento da língua, considerando usos mais regulares e outros usos possíveis que, muitas vezes, não fazem parte da prática linguística dos alunos, mas cujo conhecimento é importante, visto que o ajudará a ampliar a sua competência comunicativa e, dessa forma, a prepará-lo para a vida em sociedade, principalmente numa nova realidade que, agora, é também virtual. Ao abordar sobre esse assunto, Geraldi (2003) afirma que é impossível

[...] prever todas as atividades de análise linguística que podem ocorrer numa sala de aula. Em outras oportunidades já distingui tais atividade levando em conta uma certa categorização de problemas que, em emergindo em textos de alunos, poderiam orientar as reflexões possíveis, comparando os recursos expressivos usados pelos alunos e os recursos expressivos mais próprios da assim chamada língua culta. Esta categorização seguia basicamente os seguintes aspectos: [...] problemas de ordem sintática, centrados na reflexão sobre diferentes formas de estruturação dos enunciados e as correlações sintagmáticas do tipo concordância, regência e ordem dos elementos no enunciado. (GERALDI, 2003, p. 193)

b) que o professor procure trabalhar empregos da língua, considerando a linguagem em funcionamento, concretizada por meio das diversas funções que ela desempenha na interação verbal. Nesse caso, a prática pedagógica volta-se “[...] para o ensino e a aprendizagem de língua portuguesa numa perspectiva interacional e funcional, em que os fenômenos linguísticos são tratados como produto e processo da interação humana, da atividade sociocultural” (BARBOSA DA SILVA, 2011, p. 146).

No norte do encaminhamento em (b), Oliveira e Wilson (2008) reforçam essa ideia ao afirmar que a abordagem funcional pode ser considerada valiosa para a atividade de ensino de língua, uma vez que

- a) os usos linguísticos são forjados e organizados nos contextos de interação, nas situações comunicativas e, a partir daí, se sistematizam para formar as rotinas ou padrões convencionais de expressão;
- b) as funções desempenhadas pela língua são motivadas por fatores externos, e é possível em alguns níveis de análise, como o textual e o morfossintático, se chegar à apreensão dessas funções. (OLIVEIRA; WILSON, 2008, p. 239)

c) que o professor, em sua prática no formato remoto, incorpore atividades de incentivo ao estudo relacionado com a problematização de questões de língua, nos diversos contextos de interação verbal, os quais englobam os mais diversos gêneros textuais. Tais atividades poderão ser apresentadas em sala de aula virtual por meio das discussões nos *chats*, nos fóruns de discussão e nos *podcasts*.

No caso específico de (c), o professor poderá propor produções de *podcasts* variados, tendo em vista as condições de produção do texto, a partir da escolha de uma produção ou evento cultural para analisar (filme, série, game, canção, show) e da busca de informação sobre a produção ou evento escolhido. Lembramos que o professor precisa ter em mente que planejar o gênero *podcast* envolve: seleção de fato/assunto/objeto cultural a ser tratado, bem como a elaboração de esquema do texto a ser produzido parte a parte. Diferentemente dos textos noticiosos, aqui, trata-se de planejar textos que exigem posicionamento crítico, seleção de argumentos, escolha do movimento argumentativo e outras habilidades próprias de gêneros argumentativos.

Ressaltamos que, nesse tipo de atividade com o gênero *podcast*, o professor poderá trabalhar numa perspectiva de metodologia ativa de aprendizagem. Isso porque, ao anteciper o conteúdo da aula, o docente tem a possibilidade de dedicar o tempo remoto com dúvidas, dificuldades e resolução de situações problemas nos *chats* e fóruns de discussão, otimizando, assim, o tempo de aula *on-line*.

Em se tratando do ensino no formato remoto na etapa final da educação básica – o ensino médio –, sugerimos, além dos já mencionados, os seguintes encaminhamentos teórico-metodológicos:

a) que o professor possa, a partir dos fóruns de discussão voltados para o conhecimento literário, apresentar exemplos que se aproximem da norma padrão e, conseqüentemente, da norma culta. Só assim, o aluno compreenderá que as questões de literatura podem também estar articuladas com as de língua.

No que tange ao encaminhamento em (a), é interessante que o professor parta do texto do aluno como um ponto de partida e de chegada (Cf. GERALDI, 2003, 2005), de forma que explore nesse texto aspectos epilinguísticos e metalinguísticos, a fim de que o aluno, empoderado pelo conhecimento das formas linguísticas prestigiadas pela variedade padrão, possa usá-las a seu favor;

b) que o professor, no caso de a articulação do estudo da norma padrão for feita com a leitura de um texto literário, por exemplo, possa seguir de forma indutiva partindo de levantamento e análise de um dado recurso linguístico, recorrente em vários exemplares de um mesmo gênero ou singular no estilo de um autor num determinado texto;

c) que o professor, assim como já sugerido em (b), possa incentivar os alunos a uma efetiva observação na análise de usos da língua, bem como a uma reflexão sobre esses usos, em textos de diferentes autores em um mesmo gênero literário, tendo em vista identificar os efeitos de sentido pretendidos e/ou gerados a partir desses usos;

d) que o professor possa trabalhar com textos multissemióticos, especialmente os das culturas juvenis, possibilitando a aproximação com textos literários contemporâneos de origens diversas, como também os clássicos da literatura brasileira, a fim de promover a formação do leitor literário.

Sobre esses encaminhamentos teórico-metodológicos, em particular os sugeridos para o ensino médio, esperamos que sejam enfatizadas, na prática pedagógica dessa última etapa da educação básica, situações em que características próprias dos gêneros literários não sejam trabalhadas como classificações artificiais, fragmentadas e descoladas da experiência leitora, mas, muito pelo contrário, sejam percebidas na dinâmica da significação de textos e da apropriação criativa deles.

Considerações finais à guisa de uma conclusão

A busca por um ensino de língua portuguesa na educação básica, em tempos de pandemia, como vimos, deve ser planejada e voltada às práticas diárias dos alunos, de maneira que haja um encaminhamento teórico-metodológico às suas necessidades de aprendizagem. Vimos também que, por meio desse encaminhamento, devem-se desenvolver competências discursivo-textuais e linguísticas, considerando, para isso, os gêneros textuais como ponto de partida e de chegada para o estudo das questões de língua.

Em se tratando do ensino de língua portuguesa no formato remoto, percebemos, neste artigo, que esse formato pode dar oportunidade aos alunos de trabalhar com gêneros

voltados à realidade virtual e que fazem parte do seu dia a dia como, por exemplo, *podcast*, fóruns de discussão, *chats*, *e-mail*, dentre outros. Por meio dessa metodologia, o texto, como já abordado em estudos sobre o tema e nos documentos oficiais (PCNEF (BRASIL, 1998), PCNEM (BRASIL, 1999) e BNCC (BRASIL, 2018), é considerado ponto de partida e de chegada, o que permite ao professor desenvolver no aluno uma compreensão de sua realidade comunicativa e da estrutura organizacional da língua, além de poder proporcionar o envolvimento dos discentes ativa e criticamente, levando em conta o contexto de interação sociocomunicativa.

Ao nos referir às situações de interação sociocomunicativa, verificamos, nos encaminhamentos teórico-metodológicos, que a abordagem produtiva para o ensino de língua portuguesa em tempos de pandemia é a mais adequada, uma vez que essa abordagem possibilita ao professor uma prática de ensino voltada a novas variedades linguísticas. Nesse caso, o aluno é motivado a ampliar o uso que já faz da língua de um modo mais eficiente e nos diversos contextos de interação, principalmente no contexto de interação virtual.

Sobre os encaminhamentos teórico-metodológicos, sugerimos uma prática-pedagógica centrada nos gêneros textuais, tendo esses gêneros textuais como ponto de partida e de chegada, no ensino de língua portuguesa no formato remoto, de modo que essa prática possibilite ao professor desenvolver nos alunos adequar o uso da linguagem a partir do contexto de interação. Essa adequação pode ser trabalhada, por exemplo, em gêneros digitais como o *podcast*, o fórum de discussão, os *chats*, o *e-mail*, a videoaula, dentre outros, que não eram comuns no formato presencial, mas o são nas aulas virtuais. Com isso, pudemos perceber que os alunos serão levados a perceber que a leitura e a escrita desses gêneros virtuais atendem a uma necessidade social, que lhes permitirá analisar e refletir sobre a linguagem a ser empregada, considerando o grau de formalidade dos interlocutores e o propósito comunicativo.

Por fim, considerando ainda os encaminhamentos teórico-metodológicos, em particular os sugeridos para o ensino médio, propomos que, na prática pedagógica dessa última etapa da educação básica, o ensino de literatura não seja voltado apenas a classificações de gêneros literários, fragmentados e descolados da experiência leitora. Nesse caso, o ensino de literatura deve ser ainda mais ampliado, de forma que sejam observadas a dinâmica da significação dos gêneros literários, o uso da linguagem e a apropriação criativa desses gêneros à situação sociocomunicativa dos alunos.

TEACHING OF PORTUGUESE LANGUAGE IN TIMES OF PANDEMIC: THEORETICAL-METHODOLOGICAL REFERRALS

ABSTRACT: The teaching of Portuguese, we hope, should be directed towards developing discursive-textual and linguistic competences. The development of these skills is of fundamental importance, as we have been living with the coronavirus pandemic for more than two years. In view of this, we perceive the need for a pedagogical posture in which there is a relationship between working with textual genres and grammar, adapting it to a new reality of remote activities and an update to know and learn to deal with new textual genres. that present themselves in the digital age. Faced with such questions and statements, this article aims to present theoretical-methodological guidelines for teaching Portuguese in times of pandemic. For this, we place the teaching of Portuguese language in these times, considering, thus, that students are motivated to develop a communicative competence appropriate to their reality. Based on official documents and scholars dealing with the subject, we propose theoretical-methodological approaches in which a pedagogical-practice, in remote format, is established, centered on textual genres for all basic education. We emphasize that, only for high school, we propose activities with other genres, literary, for example, considering that at this level there is the teaching of literature. Through these referrals, we verified that the reading and writing of these virtual genres meet a social need, which will allow students to analyze and reflect on the language to be used, considering the degree of formality of the interlocutors and the communicative purpose in the midst of a pandemic scenario.

KEYWORDS: Digital genres and grammar; Pandemic; Portuguese language teaching; Theoretical-methodological directions.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontros & interações*. São Paulo: Parábola, 2003.
- ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BARBOSA DA SILVA, Célia Maria Medeiros. *A aula de português no ensino médio: o ensino que se deseja, o ensino que se faz*. Editora Appris: Curitiba, 2011.
- BARROS, Kazue Saito Monteiro de; CRESCITELLI, Mercedes Fátima de Canha. Prática docente virtual e polidez na interação. In: MARQUESI, Sueli C.; ELIAS, Vanda M. da S.; CABRAL, Ana Lúcia T. (Org.). *Interações virtuais. Perspectivas para o ensino de Língua Portuguesa a distância*. São Carlos (SP): Claraluz, 2008.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Gêneros do Discurso: unidade e diversidade. In: *Polifonia*, 8, p. 1-18, 2004. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1127/89>. Acesso em: 22 març. 2022.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo da educação básica 2020: resumo técnico [recurso eletrônico]* – Brasília: Inep, 2021.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental e Ensino Médio*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 2. ed. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2010.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005.

- HONORATO, H. G.; MARCELINO, A. C. K.. A arte de ensinar e a pandemia covid-19: a visão dos professores. *rede – Revista Diálogos em Educação*, v. 1, n. 1, janeiro-junho, 2020.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita – Atividades de Retextualização*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- NEVES, Mara Helena de Moura. *Ensino de língua e vivência de linguagem*. temas em confronto. São Paulo: Contexto, 2010.
- OLIVEIRA, Mariângela Rios de; WILSON, Victoria. Linguística e Ensino. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 235-242.
- POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2002.
- SANTOS, Leonor Werneck; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Cláudia Souza. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2012.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º grau*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

Recebido em: 30/04/2022

Aprovado em: 04/08/2022.